

das fachadas tremelicando, colorindo, marcando linhas de avenidas curvas. Os vidros dos apartamentos refletindo infinitamente os vidros dos apartamentos, emoldurados em metal luzidio. O asfalto no calor, soltando ondas, feito aura, anjo. Os automóveis langorosos, ancas, lombos. Por aí afora.

Era, às vezes, imaginar um caminho na montanha e seguir por ele com pés de ar, para sempre, mesmo se fosse por uns minutos. Embaixo, poderia estar um vale, sulcos de vale, bois quadrados, cheiro de cocô de de boi, ou o mar, uma geléia compacta, séria, que não permite a nenhuma de suas partículas que se desprenda de si, fazendo grandes e tensos esforços nesse sentido. Mais do que ver uma figura longínqua dando adeus do alto, agradecer.

Se ao lado dessa figura, amá-la, pela contenção da sua forma querida, nela própria contraída, a carne apertada, atravessada de correntes quentes, coberta de pelos

e de maciez. Quem estaria lá, a acenar?

Era o amor, tecido de paciência e de reconhecimento, arrancando folhas de um caderno escolar. Na primeira página dele, há muito tempo, estava escrito, com letra redonda, em tinta azul lavável: Paixão e Arrebatamento. Como contact, aquele papel plastificado, auto-adesivo, que se usa para forrar prateleiras, que se puxa lentamente, para não rasgar, e descola de um outro papel liso, protetor, vinha o Amor se descolando do Amor, firme e suave, retirando camadas de sonhos.

Ou era o que faz chorar, quando se lê um jornal; uma notícia que envolva muita gente, alguma coisa sobre uma injustiça; mas não bem isso, folgar roupa, a vida da fábrica, no tempo da borracha alta; "cavalo", recebendo as forças cegas da sociedade e da natureza, Põe a pata de leão em cima do meu peito e olha em volta, em triunfo... me penetra e o Mistério, a Verdade. Nas horas vagas, compreender melhor.

Já não sabia bem. Tinha mesmo lido uma carta. Tinha mesmo alguém que pedia palavras, contribuições para sua coleção. Seria uma mulher.

E ela gostaria de pintar as unhas de vermelho. Enquanto escrevesse as palavras no caderno ia prestar atenção nos dedos de pontas brilhantes segurando a esferográfica e sentir prazeres conflitantes. Viveria à beira do mar, numa cidade pequena - uma vida solitária, para se chegar lá, estradas de pó, ressequidas, uma casa pintada de laranja, ou de verde, sozinha, vista de longe, no meio do mato - acompanharia procissões de uma igreja a outra, com contrição. Inicialmente, L. M. se dispunha a considerar que a contrição de uma pessoa que colecionasse palavras devia ser de uma espécie diferente da contrição das outras pessoas que seguiam a procissão. Mas lá ia um homem em silêncio, olhando para um ponto fixo bem na sua frente entre os seus dois olhos.

Era um matemático. Ensinava na escola da cidade. À noite bebia. Os pescadores ou operários da fábrica tomavam cerveja, jogavam sinuca, sentiam pena e um pouco de vergonha dele. Quando tinha alguém no bar que não o conhecesse, iam explicando: coitado, é professor, matemático formado, mas quando bebe fica assim. "Assim" era falar de um mundo de ordem: conheci Fulano. Era um homem bom e honrado. Você não conheceu Dr. Fulano? Insistia, incrédulo. Os bares fecham e o professor dá na praia, vê os fogos que se acendem na areia e na água também, ouve o som das ondas, forte, ou então leve, volta pela rua escura, asso-bia, anota frases. Guarda os papéis amassados com cuidado junto com o pente no bolso de trás da calça, fechado por um botão. "Os astrônomos do espaço profundo interessam-se em ir mais longe, alcançando as outras galáxias" e nas horas vagas, compreender melhor.

Não era um matemático nem uma



mulher e esmalte. Era uma figurinha de contorno esfumado, caminhando na parte brilhante da areia, que o mar molhou. De mais perto, era uma figurinha de cabeça baixa, procurando na lista mais escura dessa parte brilhante da areia, a mais distante da água, os restos acumulados trazidos nos fins das ondas. Garrafas de plástico verde em que se vendeu água sanitária, é o que mais tem, pernas de bonecos com os dedos dos pés enegrecidos, braços de bonecos, cabeças de bonecos, olhos pintados de azul, um risco negro varando o azul em duas semi-esferas, olhos furados, uma estrela do mar - a ponta partida, que pena!, uma estrela do mar intacta, pedrinhas, conchinhas, conchas maiores, de mexilhão, entreabertas, conchas menores em forma de castelos, agarradas nelas, umas sobre as outras em desespero, pânico de se desunirem, trapos de algas, aqui só um fiapo, ali um molho, metades de peixes, o olho duro, a boca em ponta de flecha ferindo o bem estar, montículo de espuma

suja, petrificada, sem onde acabar, laivos de forma incerta, de existência incerta, uns riscos, fios de sal, de luz, faíscas de faróis, brilhos rápidos, alguns mecânicos, setas, luzes de freios, repetidamente, o túnel em ogiva, quase um triângulo, uma tenda de pedra escura, abafada. O ar cheio d'água, devia ser porisso que os sons dos pneus na pista úmida ou das buzinas se interrompiam e só depois, de alguma coisa, vinha o resto deles mesmos, separados em etapas, em sinfonia. A figurinha sentou-se. Catucava a areia com um pau, ciscava. Lá um siri seco virado, sem recheio na barriga quebrada. Por trás haveria dois pontos negros, duas passas de olho.

Era uma figura de contorno esfumado caminhando dentro de uma nuvem branca, colecionando palavras à beira da possibilidade. O vento tem uma boca grande onde cabem muitos dedos; quando assobia sai um uivo forte e outros menores, simultâneos; vindos de muitos cantos,

em sofrimento e vigília. Dentro de sua nuvem, sobre uma pedra alta, revestida de vegetais pontudos, sentava e escrevia, apoiada nos joelhos dobrados, em folhas de papel. O céu, quando entra em mim. O vento não faz voar esses papéis.

Engatou a primeira e avançou alguns metros. Pela janela não entrava vento nenhum, mas só a cidade mais bonita do mundo: às vezes parecia pequena.

Não era uma cidade pequena, para se chegar lá, de toda a parte, motéis onde amantes se encontram, motéis em forma de torre, cobertos de ladrilhos, casas laváveis, até o teto, com esculturas de guerreiros, elmos, escudos, esculpidas no muro, na parede rosa shocking, azul turquesa, azul piscina, hotéis com TV a cores, com garagens defendidas por toldos de babados, dentro delas os automóveis, suas placas e seus donos, protegidos das cobras, dos insetos, do telefone, do sol e da chuva. Bananeiras, postos de gasolina, homens de pé



derramado e de sandália havaiana, restaurante rodízio com vinte e sete pratos diferentes no almoço: arroz, feijão...

É um homem de meia idade que foi da Marinha e mora num treme-treme de sala e quarto e kitchenete com duas mullatas; uma trabalha de dia, a outra de noite. Entre o sofá-cama e o guarda-roupa de três portas tem um espaço de quinze centímetros, geladeira, vitrola, televisão. Ele quando sai tranca o armário e leva a chave senão elas tiram tudo, dinheiro, sabonete. Domingo ele cozinha, arroz, feijão, e deita no sofá de plástico, coça os pelos do peito sem camisa, ajeita o saco, escreve frases na margem do jornal.

Versos, palavras de amor. Uma colcha de retalhos, ou melhor, de tirinhas de retalhos. Uma dessas tiras, comprida, cor de rosa, clarinho, quase se confundindo com o branco da tirinha vizinha. A cesta do pão trançada pelos índios, a palha, uma das

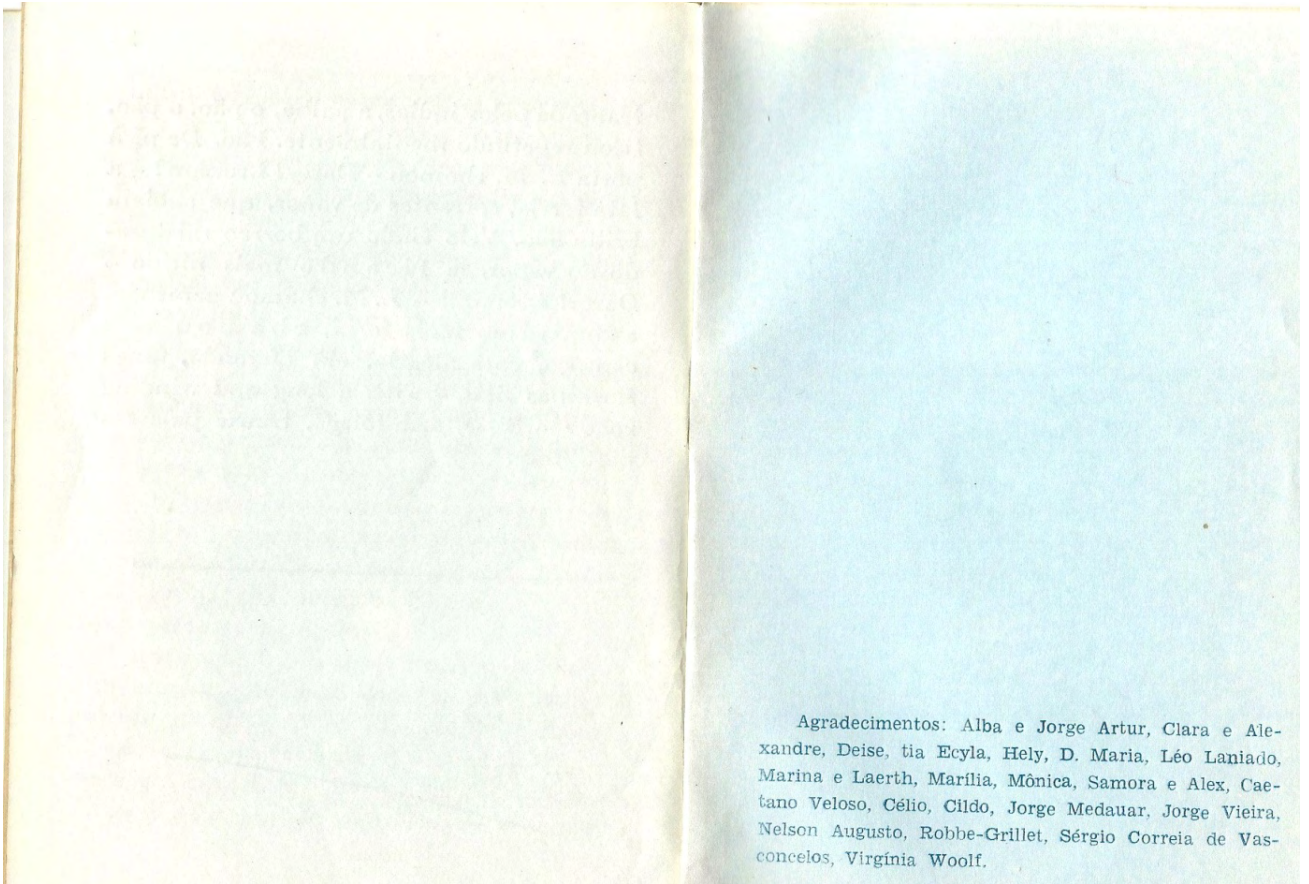
tiras, só uma, tingida de vermelho, vermelho descorado, fabricado com resina de alguma árvore. A resina, a árvore, os índios, a mulher que costurou os panos um a um, à mão, e pendurou num varal de bambu lá fora na frente da casa na beira da estrada para alguém passar de carro e comprar. E também o ressentimento, quis falar e a pessoa não ouviu, a grande separação dos corpos, a incompreensão, as pequeninas fundas incompreensões, uma alma delicada, um silêncio, outro, muitos silêncios que se aprende a fazer. Esses silêncios que são mistura de medo com sabedoria. Um silêncio que é como respeito. Como é respeito? Medo de quebrar uma caixinha. De vidro com uma linda bailarina dentro, que dança, que solta música, uma música enjoadinha, assim: plim, plim, plim, mas que todo mundo deseja. O brinquedo, uma bailarina de louça de olhos semicerrados, completamente indiferente, girando em volta de si, em cima de um lago de espelho e de esplendor. Uma perna rija, um

saiotinho de filó salpicado de purpurina azul e verde - lembranças da praia Grande, faz algum sentido dizer que são oitenta quilômetros de praia, faz algum sentido dizer que o mar é verde e azul. E põe a pata de leão em cima do meu peito e olha em volta, em triunfo? - faíscas de faróis, brilhos rápidos, alguns mecânicos, setas, luzes de freio, repetidamente.

Rodando ligeiro sobre a ponte altíssimo acima do mar, porém em segurança, acima das duas cidades na bruma começando a acender as suas luzes tênues e provocantes, ia. Chegando, trazendo, entregando, se contribuindo de joelhos. Bateria, escutaria, encontraria, tentaria de novo, a porta, uma mulher, viria, ouviria, de esmalte sobre um lago de espelho, atrás dela vinha um homem de meia idade e insistia, incrédulo - então não conheceu Dr. Fulano? A porta estava fechada e alguém perguntava quem é. Era o Amor, tecido de paciência e de reconhecimento, a cesta de pão

trançada pelos índios, a palha, o pão, o pão, ficou repetindo mentalmente. Pão. De pé à porta L. M. chamou - Darcy! Leonam! - a lata fervia, correntes de vapor, que subiam brilhando. Veio vindo um borrão misturado ao vapor, ia ficando mais nítido - Darcy! Leonam! - L. M. chamou gemendo, chamou com mais força, chamou com cansaço, com alegria, em oferenda, umas florinhas lilás - «it's a long and winding road» - disse, sem fôlego, trouxe palavras para você.





Agradecimentos: Alba e Jorge Artur, Clara e Alexandre, Deise, tia Ecylla, Hely, D. Maria, Léo Laniado, Marina e Laerth, Marília, Mônica, Samora e Alex, Caetano Veloso, Célio, Cildo, Jorge Medauar, Jorge Vieira, Nelson Augusto, Robbe-Grillet, Sérgio Correia de Vasconcelos, Virginia Woolf.